



Universidade de Brasília

Instituto de Relações Internacionais

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais

XIX Curso de Especialização em Relações Internacionais

## **Relações entre EUA e Egito e influências na Primavera Árabe**

**Paulo Telles Ferreira Guilbaud**

Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília.

**Orientadora: Danielly Silva Ramos Becard**

**Brasília  
2018**

## Resumo

Este artigo investigou as influências da Política Externa americana no Egito, especialmente durante o período da Primavera Árabe, e nos momentos que imediatamente a antecederam e sucederam (2010-2017). Seus objetivos são descobrir se tal influência está de acordo com o discurso oficial em relação ao país médio oriental, ou seja, o da promoção da boa governança e da democracia. E se tal influência contribuiria, ou não, para a longa permanência de regimes autoritários na região. Para tanto, foram analisados artigos e obras de fontes árabes, assim como documentos e discursos produzidos tanto no congresso americano quanto pelo chefe do executivo do país. A conclusão geral a que se chegou, é que há uma diferença entre o plano discursivo e o plano prático. Isto é percebido especialmente no tocante ao enorme financiamento militar dado pelos EUA ao Egito, mesmo quando este é conduzido por um regime francamente ditatorial, como de Abdul Fatah al-Sisi. São examinadas então as causas da manutenção de tal apoio, mesmo em detrimento inclusive de uma oposição interna, na forma de protestos parlamentares, e dos próprios árabes, cansados de viverem sob regimes autoritários.

Palavras-chave: Estados Unidos, Egito, Primavera Árabe

## Abstract

This paper investigates the influences of the American Foreign Policy in Egypt, especially during the Arab Spring period and the moments which immediately preceded and followed it. The objectives are to find out whether such influences are in accordance with the official [U.S.] discourse concerning the Middle Eastern country, i.e., the promotion of good governance and democracy; and whether such influences contribute to the long permanence of authoritarian regimes in the region. To this end, articles and works from Arabic sources were analyzed, as well as documents and speeches produced both by the U.S. Congress and the chief of the executive branch. The general conclusion that was reached was that there is a difference between the discursive and the practical level. This is particularly noted in the huge military funding given by the U.S. to Egypt, even when the latter is led by an openly dictatorial regime, as is the one of Abdul Fatah al-Sisi. Causes are then examined for the maintenance of such support, even against an internal opposition - in the form of parliamentary protests - and against Arabs themselves, tired of living under authoritarian regimes.

Keywords: United States, Egypt, Arab Spring

## Introdução

“O futuro da humanidade dependerá, em ampla medida, do êxito ou do fracasso coletivo em lidar com a dificuldade da coexistência entre as diferenças”. Com estas palavras, Peter Demant (2004) inicia a introdução à sua obra *O mundo muçulmano*. Em uma época em que o radicalismo político, no pior sentido que pode ter a expressão, parece ganhar folego, é parte das convicções do autor deste artigo que há muita sabedoria em tais palavras.

Um dos fenômenos mais surpreendentes dos últimos anos foram os levantes populares iniciados no Oriente Médio a partir de 2010. Digo surpreendentes porque, como a imprensa mundial na época não cansou de repetir, a despeito de todos os gastos com inteligência, nenhum analista previu os acontecimentos que se desdobraram a partir da autoimolação do jovem Mohamed Bouazizi, na Tunísia. O fato é que a partir deste dramático protesto de um vendedor ambulante que teve seu material apreendido por uma fiscalização corrupta, uma onda de amotinamentos se alastrou por uma vasta área de países. Teve alguns dos seus desdobramentos mais espetaculares no Egito, onde multidões ocuparam por meses a Praça Tahrir, o que levou à renúncia do então Presidente Hosni Mubarak e à convocação de eleições.

Não que a Primavera não tenha tido efeitos importantes em outros lugares, como na própria Tunísia, onde tudo se iniciou, que também assistiu à queda do regime autoritário de Zine el-Abidine Ben Ali. Teve consequências desastrosas para a Síria e a Líbia, ambos países mergulhados em cruentas guerras civis, sem uma solução aceitável à vista em um futuro próximo.<sup>1</sup> Mas este trabalho se centrará na análise dos desdobramentos no Egito. Essa unidade de análise foi escolhida devido não apenas aos limites deste artigo, mas também por ser o país onde os desdobramentos da Primavera se mostraram mais ilustrativos dos diversos problemas, na ótica das relações internacionais, pelos quais passam a região. Também, por décadas, o país foi uma liderança natural, tendo influenciado todo o mundo árabe do ponto de vista político e cultural.

---

<sup>1</sup> A acreditar nas informações recentes da imprensa internacional (Dot-Pouillard, 2018), a guerra na Síria se aproxima do fim. Com a ajuda da aviação russa e de voluntários ligados a vários ramos do nacionalismo pan-arábico, Bashar Al-Assad, depois de retomar Aleppo e Palmira, está com a guerra praticamente ganha. Já a profunda crise na Líbia parece não ter fim.

Um ator externo chave e evidente na região é os Estados Unidos. Com interesses sobretudo energéticos na região, o país influencia diretamente no desenvolvimento do Oriente Médio, seja via apoio diplomático e institucional, seja via o financiamento dos mais diversos regimes árabes. Neste último aspecto, é válido ressaltar desde o início o financiamento americano dado ao Egito de Mubarak por décadas, assim como ao estado de Israel (Sharp, 2018). Os EUA pautam os seus discursos oficiais de Estado fortemente na defesa da democracia e dos direitos humanos. A questão de pesquisa fundamental deste trabalho será verificar o que o país americano fez de fato, ou deixou de fazer, do início do governo de Mubarak até os dias de hoje, para auxiliar na boa governança no Egito,<sup>2</sup> e averiguar se há coerência ou incoerência entre o plano dos discursos produzidos pelos governos de antes, durante, e depois da Primavera Árabe, e as práticas de fato adotadas pelo governo americano por meio de sua política externa americana.

Será uma questão secundária deste trabalho analisar as razões da longa permanência no tempo de regimes autoritários e que, como a própria Primavera deixou evidente, são repudiados pelos seus próprios povos. As duas questões são bem complementares uma à outra, na verdade, uma vez que há fortes indicações de que influências externas podem ser apontadas para a manutenção desses regimes. Serão estudados que fatores externos e internos, e quais preponderam, na manutenção do autoritarismo na região, com ênfase, ainda uma vez, no caso do Egito.

Para tanto, este artigo será desenvolvido da seguinte forma: 1) um breve histórico do Egito, partindo da sua entrada na órbita do imperialismo europeu até os dias atuais, ou seja, no pós-Primavera. 2) análise das contribuições, ou da ausência delas, do governo americano, principal parceiro do Egito desde o fim do nasserismo, quando Anwar Sadat alterou a política externa egípcia na direção da aproximação com o Ocidente (1978, com os acordos de Camp Davis), para a boa governança do país muçulmano. Esta análise se dará em três etapas: antes, durante e depois dos levantes da Primavera, com o objetivo de averiguar se houve alguma mudança significativa de postura em relação aos governos de Mubarak (1981-2011), Muhammad Morsi (2012-2013) e Abdel Fattah al-Sisi (2013-). 3) análise das forças internas e externas determinantes para a longa continuidade dos regimes da região. 4) uma conclusão para extrair os principais resultados da pesquisa.

---

<sup>2</sup> A boa governança, no caso deste artigo, será entendida como o estabelecimento de um conjunto de mecanismos efetivos para regular uma determinada esfera de atividades (Smouts, 2008). O interesse pelo estabelecimento destes mecanismos, ainda para este trabalho, será no que se refere à construção de um ambiente favorável à promoção de direitos fundamentais e de estabilidade política.

A relevância deste trabalho no momento atual deve, como na frase de Demant (2004, p. 13) de abertura desta introdução, ser situada na procura de um maior entendimento sobre povos e culturas em muito diferentes da nossa. Em um momento de crescimento da islamofobia e de um discurso quase racista no ocidente, é de importância toda e qualquer iniciativa que procure desdemonizar a diferença, e procure entender as causas profundas de fenômenos complexos, como ditaduras islâmicas e o terrorismo.<sup>3</sup>

### ***Referenciais teóricos e metodológicos***

Este trabalho será realizado dentro dos balizamentos do marco teórico da Teoria Crítica. Este parece ser o conjunto de ferramentas mais adequado para tratar do objeto escolhido. Primeiro, para uma situação complexa como a do Oriente Médio, onde há diversos interesses envolvidos e forças antagônicas em atuação, faz-se necessária uma abordagem teórica aberta à transformação e ao movimento. O Realismo Político, por exemplo, mesmo constituindo-se também em um poderoso arsenal explicativo, parece um tanto congelante, em certos aspectos, e incapaz portanto de abarcar uma situação onde a alta tensão e a dinâmica parecem estar levando fatalmente a grandes transformações.

A Teoria Crítica, pela sua vocação de nascença pela emancipação do ser humano, parece mais adequada para entender as forças próprias em operação na região neste momento, como o feminismo, o ativismo jovem, a cibercultura, todas frentes, constituindo-se em fortes fatores internos, clamando por melhorias em suas condições de existência e de vida. Com esta cena, sinto que um instrumental teórico que, nas palavras de Richard Devetak, na obra de Burchill (2005), “não apenas desafia e desmonta formas tradicionais de teorização, como também problematiza e tenta desmontar formas arraigadas de vida social que coagem a liberdade humana” (op. cit., p. 140), tem mais chances de responder adequadamente às demandas levantadas por esta pesquisa.

Ainda, segundo Burchill:

---

<sup>3</sup> Até mesmo em um país que se orgulha da boa recepção aos estrangeiros, e onde a comunidade muçulmana é tão bem integrada, como o Brasil, percebe-se um aumento da intolerância. Ano passado, ocorreu nas ruas de Copacabana um ataque a um vendedor ambulante refugiado da Síria. Esse tipo de ataque é um termômetro suficientemente preocupante dos rumos que os ventos tomam. A notícia completa está disponível em: <<http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-08-03/ataque-racista-a-sirio-em-copa.html>>. A notícia teve também projeção internacional, com a Rede Al-Jazeera lamentando que em um país tolerante como o Brasil, “os últimos vinte anos de retórica anti-imigração e a islamofobia também estejam cobrando o seu preço no Brasil, e alterando a atitude acolhedora do país em relação a refugiados e imigrantes”. Disponível em: <[www.aljazeera.com/indepth/opinion/2017/08/brazil-longer-safe-refugees-immigrants-170809113330259.html](http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2017/08/brazil-longer-safe-refugees-immigrants-170809113330259.html)>.

É útil comparar este argumento com a afirmação de Cox – influenciada pelo marxismo – de que a teoria das Relações Internacionais tem que lidar com forças sociais (inclusive com as relações de classe), estados e ordem mundial se ela quiser entender a natureza da hegemonia global e identificar movimentos “contra-hegemônicos” que estejam trabalhando para promover visões realizáveis de uma forma melhor de ordem mundial. [...] a questão do que é importante nas relações internacionais não é um problema empírico [...] é fundamentalmente uma questão política, uma que começa com o problema de determinar quais interesses são protegidos e quais estão em desvantagem ou são ignorados pelas estruturas políticas e econômicas dominantes. Tais questões não são resolvidas por pesquisa empírica – elas são antes e principalmente questões éticas que foram lentamente se aproximando do centro do campo nos últimos vinte anos (op. cit., p. 14).

Em uma área que suscita questões tão sensíveis e há tanto em jogo, esta última citação levanta questões fundamentais para o recorte escolhido para este trabalho, quais sejam, a questão da ética e a evidenciação de que não há um olhar inocente, separando de maneira clínica sujeito de objeto. Sempre há envolvimento e toda a escolha é política. Este é um dos pontos de partida de Robert Cox, que será um dos suportes teóricos deste artigo. Segundo ele, a Teoria Crítica:

[...] não toma as instituições e as relações sociais e de poder como eternas, mas questiona-as ao se indagar sobre as suas origens, e sobre como e se elas podem estar em um processo de mudança. Ela está na direção de uma avaliação da própria estrutura para a ação, ou problematização. A Teoria Crítica é direcionada para o complexo político e social como um todo, e não como partes separadas (Cox, 1981, p. 129).

E é nessa abordagem da complexidade, da totalidade e da ação que pretendemos trabalhar nesta pesquisa. E Cox, assim como os autores da escola de Frankfurt, tão caros para a Teoria Crítica,<sup>4</sup> parecem companhias adequadas para tal empreendimento. A Teoria Crítica não vê a história como um mero relato do passado, mas como um contínuo processo de mudanças. É daí que vem a sua força, a sua visão não estática e, por fim, conservadora dos processos envolvidos na construção da ordem mundial. A Teoria Crítica, ainda segundo Cox, por sua visão das possibilidades de transformação, é utópica, mas limitada em seu utopismo pela compreensão dos processos históricos. Ao falar de quase qualquer assunto relativo ao Oriente Médio, estaremos nos posicionando de frente a um processo ainda em aberto, a um fenômeno, em suma, e não a um fato acabado.

Como metodologia, será empregada uma abordagem dialógica, em que se compararão discursos oficiais de presidentes, câmaras e chancelarias de ambos os lados,

---

<sup>4</sup> Apesar de nenhum deles ter escrito muito diretamente sobre a área de Relações Internacionais, os pensadores da Escola de Frankfurt, especialmente Max Horkheimer e Jürgen Habermas, influenciaram fortemente a Teoria Crítica, devido à sua abordagem da vida social e política moderna a partir de uma crítica filosófica radical.

tanto egípcios quanto americanos. Se procurará a partir de declarações e documentos inferir quais as contribuições americanas para a governança e a estabilização da região. Também serão confrontados autores, sejam teóricos ou jornalistas, ainda dos EUA e Egito, para perceber se há uma diferente interpretação acerca da influência estrangeira na região.

A parte da Teoria crítica será antes empregada para avaliar a perspectiva dos povos e de outros agentes não estritamente governamentais envolvidos nos protestos da Primavera e no dia a dia da região, especialmente dentro da perspectiva da emancipação dos primeiros. A comparação entre documentos e declarações será dirigida antes ao entendimento da atuação dos atores estatais. Por fim, a análise da bibliografia terá em vista a discussão, muito cara ao discurso da islamofobia, sobre a suposta incompatibilidade entre islã e valores democráticos, o que será um objetivo marginal deste artigo. A hipótese geral deste trabalho é a de que há coerência apenas parcial entre o discurso e a prática norte-americana direcionada ao Egito. Isto porque, se, por um lado, os EUA se empenham na manutenção da segurança e da ordem regional por meio da ajuda militar, por outro, não contribui com a boa governança interna no Egito ao financiar governos autoritários, violentos e perturbadores da ordem interna e do desenvolvimento econômico e social.

## **1. Egito: histórico das intervenções estrangeiras**

Muitos dos problemas enfrentados pelo Egito moderno têm raízes profundas na sua formação como área de influência europeia, mesmo o país nunca tendo sido formalmente uma colônia. Além deste tema, este histórico traz o interesse de apontar para a formação de alguns dos atores não estatais atuantes, e até hoje determinantes, na condução da vida do país, como por exemplo a Irmandade Muçulmana.

Entre os Estados modernos, o Egito é um dos que possui a mais longa história. O Delta e os vales do Nilo têm habitação contínua desde pelo menos 12.000 anos. Em um período temporal tão longo, talvez não seja surpreendente que o país tenha passado por diversas invasões. Da antiguidade aos dias de hoje, apenas como pequena amostragem, podemos citar de memória como conquistadores do Egito por assírios, persas, gregos, romanos, pelo império bizantino, árabes, turcos, franceses e ingleses (essa lista não é exaustiva). É evidente que não começaremos este histórico pela antiguidade, servindo

este preâmbulo apenas para lembrar que o Egito, com sua longa história, riquezas e importância geográfica foi palco de um sem número de invasões e intervenções estrangeiras (Hourani, 2006).

Para o que interessa a este artigo, as primeiras tentativas consistentes de emancipação do país deram-se na primeira metade do século XIX, com o governo de Muhammad Ali (1805-1848). Após as perturbações locais decorrentes da invasão francesa, ele, que era um turco enviado junto com as forças otomanas para reestabelecer a ordem, terminou por se impor como um governador autônomo (Hourani, 2006, p. 360).

Ali implantou um projeto de modernização do país, o que se traduziu não apenas no desenvolvimento de uma agricultura voltada para a exportação – via o algodão, do qual a industrialização inglesa ainda sentia tanta fome – mas também via o investimento da considerável soma de 12 milhões de libras para a industrialização do país (Hobsbawm, 1996, p. 180-181). Em seus conflitos subsequentes com o Império, Ali praticamente venceu uma guerra contra o sultão otomano Mahmud II, em busca da independência do Egito. No entanto, o Império Otomano foi salvo graças à intervenção conjunta das potências europeias (naquilo que ficou conhecido como a Crise Oriental de 1840), sempre interessadas em manter a sobrevivência do “Doente da Europa”, para evitar o rompimento do equilíbrio do poder europeu.<sup>5</sup> Em seguida a esta derrota, Ali foi obrigado a assinar um tratado (Balta Liman) abrindo mão da independência e das barreiras e monopólios comerciais que ele havia estabelecido anteriormente. No entanto, foi cedido a ele o direito de governo hereditário do Egito, recebendo ele e seus descendentes o título de *quediva* (Hourani, 2006).

Apesar dessa concessão, como resultado o Egito passou a sofrer uma dupla dominação: primeiramente, a Otomana, cada vez mais nominal, e a Europeia, cada vez mais *de facto* e incisiva. Quando um neto de Ali, Ismail, perdeu o controle das finanças do país, devido, entre outros grandes projetos de modernização, à construção do canal de

---

<sup>5</sup> O equilíbrio europeu de poder, ou *balança de poder*, ou *concerto europeu*, foi um sistema de congressos estabelecido no fim das guerras napoleônicas, sistema pelo qual Rússia, França, Inglaterra, Áustria e Alemanha discutiam em um sistema de congressos os problemas do continente, com o objetivo de evitar o surgimento de uma nova ameaça nos moldes de Napoleão. A manutenção do império otomano era vista como essencial para a manutenção desse equilíbrio, uma vez que o desmoronamento deste último poderia acarretar rearranjos territoriais e desequilíbrios de poder entre os membros do concerto, o que poderia levar a uma nova guerra. Neste caso específico, para salvar Mahmud II, Inglaterra e Áustria chegaram a fechar o Delta do Nilo para navegação, bombardearam Beirute e tomaram Acra. O sistema de congressos durou até a Primeira Guerra Mundial.

Suez, seus principais credores, franceses e ingleses, impuseram a sua substituição, em 1879, pelo seu filho, Tawfiq, considerado menos indócil (Solé, 2018, p. 116). No entanto, essa ingerência provou reações de jovens oficiais do exército, liderados pelo coronel Ahmad Urabi – Peter Demant (2004, p. 204) considera este o primeiro levante legitimamente nacionalista do mundo árabe.

Como resultado deste levante, uma Câmara dos Deputados foi criada em 1881, mas em 1882, sob o pretexto de que este novo governo estava deslegitimando a autoridade do quediva, as forças britânicas desembarcaram em Alexandria. A chancelaria inglesa afirmou na época que a ocupação seria provisória, e que se restringiria a reestabelecer a autoridade do quediva e garantir a segurança dos estrangeiros no país. Só que essa “situação provisória” se manteve pelos 70 anos subsequentes, ainda que sob diferentes roupagens (Solé, 2018). Embora nunca assumindo formalmente tal domínio, devido à complexidade das relações entre os estados europeus e o Império Otomano, homens como Lorde Cromer, o côsul-geral da Grã-Bretanha, se tornaram os governantes de fato do país (Hobsbawm, 2011).

Em 1914, o quediva Abbas Hilmi, filho de Tawfiq, foi destituído pelos ingleses, devido à sua aprovação pela entrada na Primeira Guerra ao lado da Turquia e da Alemanha. O país foi finalmente separado do Império Otomano, do qual era ainda que apenas formalmente uma província desde 1517, para se tornar um protetorado britânico. Apesar de ser formalmente governado agora por um sultão, foi para o Alto Comissariado Britânico que uma delegação (em língua árabe, *wafd*) se apresentou para demandar a independência do Egito. Essa delegação foi exilada em Malta, mas mais tarde seus membros foram autorizados a comparecer à conferência de Versalhes, em 1919, para pleitear a libertação do seu país.<sup>6</sup> Evidentemente, ninguém deu ouvidos, mas uma vez de retorno, o *Wafd* se tornou um influente partido de viés nacionalista e independentista. Os monarcas do Egito viram-se cada vez mais paralisados pela pressão, de um lado, da ocupação inglesa, e de outro, pelo *Wafd* (Solé, 2018).

---

<sup>6</sup> O principal líder do *Wafd*, Said Zaghlul, utilizou em Versalhes um discurso fortemente pautado pela retórica wilsoniana da autodeterminação dos povos (Hobsbawm, 2001, p. 208). Um jovem Ho Chi Minh também esteve presente na Conferência, com os mesmos objetivos, reivindicando o fim do colonialismo francês na Indochina. Ao perceber que a autodeterminação wilsoniana se limitava a europeus brancos ex-súditos do império Habsburgo, voltou-se para URSS (Keylor, 2006, p. 337).

Na esteira da Segunda Guerra, com a ameaça da invasão alemã, e do fiasco militar da guerra contra Israel em 1948, o combalido rei Farouk<sup>7</sup> foi derrubado com surpreendente facilidade em 1952 por um grupo chamado Oficiais Livres, dos quais fazia parte um coronel jovem, brilhante e carismático chamado Gamal Abdel Nasser. Este golpe intendia libertar o país tanto da ocupação estrangeira quanto de um regime visto por todos como corrompido. Com a proclamação da república no ano seguinte, atingiram tal objetivo, e pela primeira vez desde tempos imemoriais os egípcios tomaram em mãos o seu próprio destino.

O primeiro presidente do Egito após o fim da dinastia de Ali foi Muhammad Néguib. Nascido em Cartum, no Sudão, em uma época em que os dois países eram unidos, foi um dos Oficiais Livres. Após desentendimentos com Nasser, principalmente em relação à questão do estabelecimento da democracia no Egito, acabou derrubado por este último em menos de vinte meses.

O regime de Nasser rapidamente evoluiu na direção do autoritarismo. Após um curto período de aliança com a Irmandade Muçulmana,<sup>8</sup> que tomou parte tanto na guerra contra Israel de 1948 (que ela já interpretara em termos de uma *jihad*<sup>9</sup>) quanto na

---

<sup>7</sup> Tornou rei devido à morte prematura do pai, em 1936, com apenas 16 anos, Farouk sempre foi um rei fraco, que rapidamente preferiu a vida nas boates e cassinos europeizados do Cairo ao governo efetivo do seu país (Solé, 2018, p. 118).

<sup>8</sup> Organização religiosa criada em 1928, por Hassan al-Bana, para se opor ao que era visto como uma ocidentalização das instituições e dos costumes. Foi a primeira organização criada explicitamente com o projeto de reafirmação da identidade muçulmana, e influenciaria decisivamente na criação de todas as organizações do islã político que surgiriam nos anos posteriores. Posta na clandestinidade por Nasser, nos anos 1960, a organização se tornou clandestina e radicalizou com o surgimento de Sayyid Qutb, primeiro intelectual a pregar abertamente o recurso à violência. No entanto, por mais que os diversos atentados terroristas perpetrados pela irmandade, especialmente contra turistas e alvos cooptas, tenham chamado muito a atenção internacional – que é, em última análise, sempre o objetivo do terrorismo – a maior parte dos Irmãos continuou a acreditar na possibilidade da transformação pacífica. Foi esse ramo que se estabeleceu como instituição caritativa, oferecendo para muitos egípcios os serviços que o Estado nunca pode, ou nunca quis, oferecer (o Hezbollah aprendeu e imitou bem essa lição no Líbano) (Solé, 2018, p. 117; Bonnefoy, 2018, p. 146-147). Devido ao longo período de ditadura, e portanto de ter uma sociedade civil pouco organizada e sem partidos políticos, a Irmandade acabou se sobressaindo, ainda que na ilegalidade, como a mais forte organização não governamental do Egito, o que explica a vitória de Mohamed Morsi nas eleições de 2012. É interessante, e talvez surpreendente, lembrar que a primeira organização feminista oficial do Egito, a União Feminista Egípcia, foi criada em 1923, principalmente por Hoda Chaaaroui, e é portanto cinco anos mais velha do que a Irmandade.

<sup>9</sup> A despeito de controvérsias linguísticas em relação ao significado desse termo, no mérito das quais este artigo não pretende entrar, no sentido que se alastrou de recurso à violência com objetivos religiosos que o termo assumiu ele foi formulado principalmente pelo teórico Sayyid Qutb (ver nota anterior). A história pessoal de Qutb foi profundamente marcada por uma viagem de estudos aos Estados Unidos (de 1948 a 1951), onde ele ficou escandalizado com liberalidade dos modos da Califórnia e com racismo aberto que ele lá sofreu (Qutb era pardo). De volta ao Egito, entrou para a Irmandade Muçulmana, foi preso, radicalizou e se tornou o pensador mais extremista do islamismo. Sua leitura é obrigatória em todos os círculos terroristas, influenciando da Al-Qaeda ao Estado Islâmico. Sua ideologia é marcadamente antiocidental e rejeita o conjunto dos valores do Iluminismo, como o livre pensamento, a liberdade individual e a soberania

revolução antimonárquica e antibritânica de 1952, o grupo foi colocado na ilegalidade, teve alguns de seus líderes executados e muitos outros presos (Demant, 2004, p. 204-205). Ainda segundo este autor:

O Egito estava engajado num caminho de desenvolvimento estatal, vagamente socialista e expressamente pan-árabe. O preço pago foi a perda da liberdade: o Egito, como tantos outros países árabes, se tornou um Estado repressor que proibiu partidos políticos e religiosos e negou a liberdade de expressão em nome das necessidades da nação.

Mas Nasser, por encarnar diversos anseios, tanto do seu povo quanto do restante do mundo árabe, apesar do autoritarismo gozou de extrema popularidade. Nasser foi gradualmente construindo uma imagem de campeão do mundo árabe, do qual ele e o seu país personificavam uma espécie de liderança natural. A partir do sonho declarado da construção de um grande Estado árabe incluindo todo o norte da África e parte do Oriente Médio, ele também se tornou a encarnação da causa anticolonial, abrigando e armando por exemplo as lideranças muçulmanas envolvidas na guerra colonial contra a França durante a guerra da Argélia. Mas seu feito mais significativo nesse sentido decorreria da crise do canal de Suez (Keylor, 2006, p. 276).

Jogando descaradamente com a rivalidade entre americanos e soviéticos da Guerra Fria, Nasser ora se voltava para um, ora para outro, em busca de financiamento e assistência para a modernização tanto do seu exército quanto do seu país. Um dos projetos acalentados nesse sentido era a construção da barragem de Assuan.<sup>10</sup> Segundo os planos iniciais, a barragem seria financiada pelos Estados Unidos. Porém, em 1956, este último retirou o apoio ao projeto devido à crescente dependência do Egito da assistência militar do bloco soviético, o que se traduzia em compras também crescentes de armamentos. Em retaliação, Nasser nacionalizou o canal de Suez, com a justificativa de usar sua renda para pagar pelo projeto. Isso enfureceu os ingleses, ainda controladores da maior parte do capital de Suez, que então planejaram, junto a Israel e França, uma malfadada tentativa

---

do povo. Tais valores são veementemente rejeitados pelo fundamentalismo, segundo o qual a soberania não pertence ao homem, e sim a deus, e ao homem não cabe mais do que servir ao criador (Demant, 2004, p. 205; 209-210).

<sup>10</sup> “O Egito é uma dádiva do Nilo”, como já havia compreendido muito bem Heródoto. No entanto, se por um lado foi o Nilo que possibilitou a existência daquela antiga civilização, o povo egípcio também por milênios viveu à mercê dos seus regimes de cheia, chuva e seca. O objetivo primordial da barragem era garantir um sistema perene de irrigação, para finalmente libertar o Egito dos caprichos da natureza. O projeto contemplava ainda a construção de uma usina hidrelétrica, que resolveria o abastecimento de um terço das necessidades energéticas do país. Foi sem dúvida um dos mais ambiciosos projetos de engenharia do século XX, que acarretou a realização de uma segunda grande obra: o reservatório alagaria uma área de imenso valor arqueológico, e motivou a transferência do templo de Abu Simbel, com financiamento pela Unesco, pedra por pedra, para um local fora da zona de alagamento.

de golpe para derrubar Nasser. Com tropas dos três países já quase a derrotar militarmente o Egito, as três potências foram obrigadas a uma humilhante retirada. A não consulta aos Estados Unidos resultaram em uma enérgica resposta dessa superpotência, que surpreendentemente em conjunto com a União Soviética exigiram a retirada das tropas do país. Esses eventos tiveram dimensões de longuíssimo alcance para as relações internacionais nas décadas subsequentes. Como resume Keylor (2006, p. 278):

The Suez fiasco was pregnant with long-range consequences for the future of the international order. It spelled the end of the Anglo-French pretensions to an imperial role in the Middle East. It undermined the political cohesion of the Atlantic alliance by revealing to the Europeans that they no longer enjoyed the prerogative of pursuing foreign policies that did not have Washington's blessing. It immeasurably bolstered the prestige of Nasser in the Arab world and solidified his reputation as the spokesman for the developing nations in their struggle to eradicate the remaining vestiges of European colonialism. The Soviet Union [...] acquired a reputation as the Champion of Arab aspirations at the expense of the Western powers and their Israeli allies.

Os EUA, no entanto, definitivamente se ergueram do episódio como uma superpotência. E os países europeus, como Inglaterra e França, da categoria “aliados” dos tempos da Segunda Guerra passaram a ser tratados não mais de igual para igual, mas como potências de menor importância no cenário internacional. A barragem de Assuan foi concluída, com as rendas do canal e financiamento soviético, passando o Egito para a esfera de influência soviética por completo. Nasser multiplicou erros e acertos políticos nos anos subsequentes até a sua morte, em 1970. Seu funeral apresentou cenas de comoção jamais antes vistas na história do Egito. Com o seu sucessor, no entanto, a história viria a passar por reviravoltas e um desfecho surpreendentes (Keylor, 2006).

Anwar Sadat, assim que assumiu a presidência do Egito, assinou um tratado de amizade e cooperação com a URSS de 15 anos (1971). Em troca de assistência econômica e armamentos, em contrapartida os russos receberiam o acesso aos portos egípcios para acomodar a sua frota no Mediterrâneo. As expectativas de Sadat, no entanto, viriam a ser frustradas. Estava-se entrando no período da *détente* da Guerra Fria, e tanto Richard Nixon quanto Leonid Brejnev estavam mais interessados em conter os seus respectivos clientes no Oriente Médio do que em armá-los. No entanto, Cairo e Jerusalém tinham as suas próprias agendas. Sadat precisava urgentemente de suprimentos militares em quantidade e sofisticação o suficiente para recuperar a península do Sinai perdida na humilhante derrota militar da Guerra dos Seis Dias (1967). Israel não estava, por seu lado,

nem um pouco disposto a abrir mão da recém conquistada segurança garantida pela expansão territorial obtida na mesma guerra (colinas de Golã, Sinai e Cisjordânia) (Keylor, 2006, p. 318-319).

Sadat então, em uma ação militar muito bem coordenada com a Síria, invadiu Israel no feriado do Yom Kippur, em 1973. Com este *tour de force*, ele arrastou as duas superpotências, ainda que de maneira recalcitrante, para o novo conflito no Oriente Médio, uma vez que ambas, a despeito dos esforços da *détente*, não estavam dispostas a serem derrotadas por procuração no conflito. A URSS entregou as armas há muito demandadas por Sadat, e os EUA garantiram abastecimento via aérea de suprimentos para Israel (com consequências tremendas para o mundo: em retaliação a esse apoio aéreo, a OPEP realizou o embargo que viria a ser conhecido como Primeiro Choque do Petróleo). Apesar do sucesso inicial (o Yom Kippur foi a única guerra árabe-israelense quase vencida pelos primeiros), graças ao apoio americano Israel rechaçou a invasão. Em 1975, os dois arquirrivais foram colocados pela primeira vez em décadas frente a frente em uma convenção de paz em Genebra. A derrota do Yom Kippur, e as hesitações soviéticas em apoiar de maneira mais decisiva os seus aliados árabes, levaram Sadat a reverter de forma espetacular a política externa egípcia. Em 1976, Sadat renunciou ao tratado de amizade. Em 1978, em Camp Davis, em um acordo de paz costurado pelo presidente americano Jimmy Carter, Israel devolveu o Sinai para o Egito em troca do reconhecimento do Estado de Israel. Em seguida, os dois Estados trocaram reconhecimento diplomático, firmaram um acordo de paz e investiram fortemente nas relações bilaterais (Keylor, 2006, p. 358-359).

Os acordos de Camp Davis foram vistos pelo restante do mundo árabe como uma imensa traição. Sadat pagou por eles com a própria vida, sendo assassinado pela Irmandade Muçulmana em uma ação com lances cinematográficos em 1981, por ser o primeiro líder árabe a reconhecer o Estado de Israel.<sup>11</sup> O Egito abdicou de sua posição natural de liderança do mundo árabe. Voltou sua política externa cada vez mais para o Ocidente e pela aproximação com Israel. Caiu em enorme isolamento dentro do bloco árabe, o que ficou visível na Cúpula de Bagdá, em 1978. Desde então, outras lideranças,

---

<sup>11</sup> Membros da Irmandade se infiltraram em um caminhão durante uma parada militar de comemoração do dia da independência, saltaram em frente a arquivancada em pleno desfile e fuzilaram Sadat. A ação toda foi filmada e é possível encontrar as imagens no Youtube. Ver: Sadat Assassination.

de outros países, como Hafez al-Assad e Saddam Hussein, tentaram ocupar este vácuo deixado no mundo árabe, mas com pouco sucesso.

O fim do nasserismo, após três derrotas militares humilhantes frente a Israel e o seu fracasso em desenvolver o Egito e garantir standards de vida dignos para a própria população, teve impactos que viriam a se mostrar catastróficos para o mundo árabe como um todo: ele foi o começo do fim do pan-arabismo e dos nacionalismos árabes laicos *tout court*. O esgotamento destes modelos e a sua ineficácia em fazer frente aos desafios representados pela modernização e pelo ocidente tornaram-se poderosos aliados para o radicalismo religioso e possibilitaram a gradual substituição dos projetos nacionais pelo fundamentalismo em vários lugares do Oriente Médio (Demant, 2004; Hourani, 2006).

Hosni Mubarak, o vice-presidente do Egito, tornou-se presidente assim que Sadat morreu (1981). Mubarak deu continuidade à política externa inaugurada pelo seu antecessor. Isso lhe garantiu um farto financiamento militar por parte dos EUA. Na verdade, desde 1987 pelo menos, é a segunda maior assistência militar dos EUA, perdendo apenas para Israel, como mostra um relatório do próprio Congresso Americano (Sharp, 2018). Também há, por parte dos EUA um financiamento para patrulha da fronteira da Península do Sinai (Plumer, 2013). Na prática isso significa controle de contrabando de armas para a Faixa de Gaza (mas também de remédios, comida). Isso o torna, evidentemente, um importante aliado não apenas para os EUA, mas também para Israel.

Mubarak governou o Egito por quase trinta anos (de 1981 a 2011 – mais tempo do que a maioria dos faraós). Foi visto como um fiel aliado tanto do Ocidente quanto de Israel. Mas até que, em 2010, veio a Primavera Árabe. Evidentemente, o seu próprio povo – especialmente a juventude – não estava tão satisfeito com o seu governo quanto os seus patronos americanos e israelenses. Mas ainda há mais aspectos a serem dimensionados nessa balança. É o que veremos na próxima parte deste trabalho, na qual se analisará outros atores e fatores, estatais e não estatais, responsáveis pelos desdobramentos recentes da Primavera Árabe no Egito.

Como visto, o Egito é um país “habitado” à dominação estrangeira e à tirania. Muhamed Morsi, primeiro presidente eleito (2012) em muitos anos na história do país, foi derrubado por um golpe de estado após um ano e três dias de governo. O golpe empossou Al-Sisi, mais um militar a presidir o país (o quinto na história do Egito republicano) fortemente ligado ao governo Mubarak, de quem ele fora ministro da defesa.

Conforme anunciado na introdução, o que este artigo pretende investigar é se esses desdobramentos são interpretáveis apenas pela ótica das dinâmicas internas do Egito, ou se há influências internacionais em operação ajudando, ou atrapalhando, o processo de governança e a construção de uma democracia no país.<sup>12</sup>

## **2. Influências externas no Egito**

Hosni Mubarak foi derrubado pela insurreição popular em 11 de fevereiro de 2011. As principais causas do descontentamento da população egípcia, e as suas principais reivindicações, podem ser assim resumidas: os altos índices de desemprego, o autoritarismo do governo, a corrupção, a violência policial, a falta de moradia, a censura à liberdade de expressão, as péssimas condições de vida e a solicitação do aumento do salário mínimo. Sendo o Egito um dos principais aliados dos Estados Unidos na região, e para responder à questão deste trabalho, isto é, qual a contribuição real dos EUA para a boa governança do Egito, é de fundamental importância examinar como se passaram as relações bilaterais entre os dois países no período em que ocorreram as grandes transformações da Primavera, ou seja, da passagem do governo Mubarak (1981-2011), sua derrubada, a eleição de Morsi (2012-2013), sua derrubada, e ao atual governo de al-Sisi (2013-). Para isso, um dos indicadores escolhidos foi o financiamento militar recebido pelo Egito dos EUA.

Este financiamento foi muito significativo durante a maior parte da segunda metade do século XX e de todo o XXI. O Egito foi o segundo maior beneficiário do Foreign Military Financing (FMF),<sup>13</sup> perdendo apenas para o financiamento recebido por Israel (Carranca, 2011; Greenbook, 2013).<sup>14</sup> Entre 1946 e 2016, foram 78,3 bilhões de dólares, em valores não corrigidos segundo a inflação do período. Estes dados são

---

<sup>12</sup> O conceito de “democracia” não será utilizado aqui em um sentido estritamente relativo à democracia parlamentar mais ou menos como compreendido segundo o modelo americano e ocidental, que pressupõe partidos políticos e eleições regulares. Como será visto em breve, as reivindicações por democracia no Egito passam antes pela aquisição de maiores direitos, tanto políticos como econômicos, e menos opressão por parte do Estado.

<sup>13</sup> À frente, este mecanismo será explicado.

<sup>14</sup> Segundo o Greenbook, no período que vai de 1962 a 2013, por exemplo, Israel recebeu 81,99 bilhões de dólares, e o Egito no mesmo período 43,37 bilhões. O Greenbook é um relatório anual apresentado ao Congresso Americano pelo Usaid, no qual são discriminados todos os gastos do governo americano no exterior (U.S. Overseas Loans and Grants).

fornecidos por um relatório emitido pelo próprio Congresso Americano<sup>15</sup> (Sharp, 2018). As justificativas para um financiamento de tal magnitude são bastante abrangentes:

Historically, Egypt has been an important country for U.S. national security interests based on its geography, demography, and diplomatic posture. The United States has provided significant military and economic assistance to Egypt since the late 1970s. Successive U.S. administrations have justified aid to Egypt as an investment in regional stability, built primarily on long-running cooperation with the Egyptian military and on sustaining the 1979 Egyptian-Israeli Peace treaty (Sharp, 2018, Summary).

São questões consideradas fundamentais pelo governo dos EUA, como exposto acima, a “estabilidade regional” e a manutenção da paz com Israel. A partir desta, e de outras fontes, pode-se dizer que esses dois eixos são as prioridades e dão a direção das relações bilaterais, do ponto de vista americano. Resta saber o que se entende por “estabilidade regional” e examinar a relação entre os governos americanos do período e o Egito.

Em 19 de maio de 2011, poucos meses após a derrubada de Hosni Mubarak, portanto, o presidente americano Barak Obama proferiu um discurso de franco apoio às promessas de transformação que se apresentavam no horizonte do Oriente Médio:

A questão que se apresenta para nós é que papel terá a América nessa história que se desenvolve. Por décadas, os Estados Unidos perseguiram um conjunto de interesses na região: conter o terrorismo e impedir a difusão de armas nucleares; assegurar o livre comércio e salvaguardar a segurança da região; lutar pela segurança de Israel e construir a paz árabe-israelense.

Nós continuaremos a fazer essas coisas, com a firme convicção de que os interesses americanos não são hostis às esperanças das pessoas [...].

No entanto, devemos admitir que uma estratégia baseada apenas na estreita consecução desses interesses não vai encher uma barriga vazia nem permitir que as pessoas falem o que elas pensam. Além disso, se falharmos em nos comunicarmos com as aspirações mais ampla das pessoas comuns, nós apenas vamos alimentar as suspeitas de que os Estados Unidos perseguem os seus interesses às suas custas. [...]

Então, estamos de frente a uma oportunidade histórica. Nós temos a chance de mostrar que a América valoriza a dignidade do vendedor das ruas na Tunísia mais do que o poder bruto do ditador. Não deve haver dúvida de que os Estados Unidos da América dão boas-vindas às mudanças que signifiquem avanços em termos de autodeterminação e oportunidades. Sim, haverá perigos que acompanham este momento de promessas. Mas após décadas de aceitação do mundo como ele é, na região, nós temos a chance de construir o mundo como ele deveria ser.

---

<sup>15</sup> Trata-se do relatório “Egypt: background and U.S. relations”, produzido pelo Congressional Research Service, que é um Think Tank do Congresso Americano que produz estudos para orientação dos congressistas.

Nós vamos trabalhar com todos aqueles que abracem a democracia inclusiva e genuína. Vamos nos opor a qualquer grupo que tente restringir os direitos de outros [...].<sup>16</sup>

Pouco depois, no entanto, a eleição de Muhamed Morsi (2012) mudou o tom de otimismo em relação à Primavera Árabe, e foi recebida, no melhor dos casos, com frieza pela administração Obama. A eleição de um membro da Irmandade Muçulmana foi recebida com desconfiança nos EUA e com pânico pelos seus aliados israelenses. Vale lembrar aqui que todas as guerras árabe-israelenses (a guerra de independência, a dos seis dias e o Yom Kippur) tiveram a participação egípcia. Pouco tempo depois, a queda de Morsi (2013) foi recebida com alívio. Neste sentido, são ilustrativas as declarações oficiais à imprensa emitidas pelo presidente da Comissão para Assuntos Exteriores do Congresso Americano (chairman), Edward Royce (2013),<sup>17</sup> na forma de press releases, acerca da derrubada do presidente eleito do Egito:

A decisão dos militares de tomarem o poder das mãos do governo da Irmandade Muçulmana marca mais uma aguda reviravolta na incompleta revolução egípcia. O que a Irmandade falhou em entender foi que a democracia significa mais do que simplesmente manter eleições. A democracia real requer inclusão, concessão, respeito pelos direitos humanos e das minorias e comprometimento com o império da lei. Morsi e o seu círculo íntimo não abraçaram nenhum desses princípios e, ao invés disso, escolheram consolidar o poder e o controle por decreto. Como resultado, o povo egípcio e a sua economia sofreram enormemente.

Agora, cabe aos militares egípcios demonstrarem que o novo governo de transição pode e irá governar de maneira transparente e trabalhar para levar o país de volta à democracia. Nós estamos confiantes de que uma ampla representação do povo egípcio vá se reunir para reescrever a constituição. Todos os partidos do Egito devem se controlar, conter a violência e se preparar para serem membros produtivos do futuro Egito democrático. Nós encorajamos os militares a agirem com extrema cautela ao se moverem na direção de dar apoio a sólidas instituições democráticas através das quais o povo e o futuro governo possam florescer.

Esse discurso data do dia 5 de julho de 2013, ou seja, dois dias após a deposição de Mohamed Morsi. Descontando-se os erros que de fato a Irmandade Muçulmana cometeu à frente do governo do Egito, não é muito enriquecedor ver um discurso falando de instauração de instituições democráticas, após um golpe militar que derrubou um governo, bem ou mal, eleito. Também causa surpresa a referência a direitos humanos, ignorando os massacres estupefacentes que antecederam e se sucederam ao golpe de

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2011/05/19/remarks-president-middle-east-and-north-africa>>. Tradução do autor.

<sup>17</sup> Político Republicano da Califórnia, no cargo de presidente da Comissão desde 2013 até hoje.

Estado.<sup>18</sup> Além disso, a “volta à democracia”, solicitada por Royce ao “governo de transição”, não ocorreu até a presente data (março de 2018). As eleições presidenciais marcadas para 2018 estão sendo denunciadas de todos os lados. Ao que tudo indica, os possíveis candidatos concorrentes de Sisi estariam sofrendo um forte processo de intimidação, e abandonando o pleito antes mesmo dele começar como noticiado recentemente pela Al-Jazeera (Arrested, banned, exiled: Egypt’s dissenting voices, 2018).

As relações entre a Casa Branca e o Cairo, durante o governo Obama, ao que tudo indica, azedaram ainda mais com Sissi (Sharp, 2018, p. 15):

During the 2016 U.S. presidential campaign, then-candidate Trump differentiated his approach to Egypt from then President Obama by personally praising Sisi and vowing to strengthen the bilateral relationship if elected. See, “Trump praises Egypt’s al-Sisi: ‘He’s a fantastic guy,’” Politico, September 22, 2016, and “Trump Presidency Heralds New Era of Closer Ties with Egypt, Reuters, February 8, 2017.

Em 2013, após a polícia e os militares egípcios lançarem um ataque particularmente feroz contra membros da Irmandade Muçulmana, o governo americano cancelou a participação no programa Bright Star, um exercício militar conjunto entre as forças armadas de EUA e Egito (Sharp, 2018, p. 16). Ainda, Obama ameaçou, em 2015, um corte ao auxílio militar fornecido por seu país ao Egito, nos seguintes moldes: uma retenção de 25% do FMF e um direcionamento do restante para contraterrorismo, segurança de fronteiras e para os programas de segurança marítima e do Sinai<sup>19</sup> (Sharp, 2018, p. 18).

Se Obama se distanciou diplomaticamente de um governo ditatorial e amplamente denunciado tanto pelo próprio mundo árabe quanto por organizações internacionais de direitos humanos (International Amnesty, 2018; Elmasry, 2018), com a entrada de Trump

---

<sup>18</sup> A totalidade de mortos é muito incerta, mas ninguém duvida que alta até mesmo para os padrões de violência do país. Os militares jogam os números para baixo, e a Irmandade para cima, como aliás é corriqueiro neste tipo de situação. Para amostragem, apenas no massacre do dia 13 de agosto de 2013 – portanto, após o pronunciamento de Royce – morreram mais de seiscentas pessoas e quase 4.000 ficaram feridas. Estes massacres foram noticiados em diversos meios de comunicação. Podemos citar por exemplo a notícia da CNN. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2017/11/25/africa/egypt-sinai-mosque-massacre/index.html>>.

<sup>19</sup> Como será visto à frente, devido às graves violações dos direitos humanos, esta ameaça se concretizou, mas apenas por um ano. Também se faz necessário explicar que as restrições que se cogitou impor ao auxílio são significativas. Por exemplo, os programas marítimos e de segurança do Sinai são programas dirigidos para a segurança na verdade de Israel, uma vez que o patrulhamento das fronteiras marítimas e terrestres da península do Sinai dão-se com a Faixa de Gaza, e é uma das tarefas de segurança designadas ao Egito impedir o contrabando de armas e foguetes para os palestinos nessa região.

(2016) em cena, a política externa americana se reorientou na direção exatamente contrária:

Overall, President Trump has emphasized the importance of partnering with Arab leaders seen by many observers as autocratic in order to combat transnational terrorism, contain Iran, and pave the way for resuming Israeli-Palestinian peace negotiations. As part of the Administration's de-emphasis on pressing its partners for democratic reforms, President Trump stated in a May 2017 speech that "We are adopting a principled realism, rooted in common values and shared interests... Our partnerships will advance security through stability, not through radical disruption." [The White House, Office of the Press Secretary, President Trump's Speech to the Arab Islamic American Summit, May 21, 2017].

No entanto, apesar de uma clara diferença entre a abordagem das duas administrações, um exame dos FMF durante o período Sisi revela uma grande continuidade entre os governos republicanos e democratas:

Tabela 1. Assistência Americana para o Egito, anos fiscais de 2014-2018 (em bilhões e dólares)

	2014	2015	2016	2017	2018
FMF	\$ 1.300,00	\$ 1.300,00	\$ 1.300,00	\$ 1.300,00	\$ 1.300,00
ESF	\$200,00	\$150,00	\$150,00	\$112,50	\$75,00
NADR	_____	\$3,10	\$2,50	\$3,00	\$2,50
INCLE	\$3,00	\$1,00	\$2,00	\$2,00	\$2,00
IMET <sup>20</sup>	_____	\$1,70	\$1,80	\$1,80	\$1,80
Outros	\$3,00	\$5,80	\$6,30	\$6,80	\$6,30
Total	\$1.503,00	\$1.454,10	\$1.454,50	\$1.419,30	\$1.381,30

Fonte: Sharp, 2018, p. 18.<sup>21</sup> Os valores para 2018 foram os aprovados no ano fiscal anterior.

<sup>20</sup> IMET - International Military Education and Training; FMF - Foreign Military Financing, ESF - Economic Support Funds; NADR - Nonproliferation, Antiterrorism, Demining, and Related Programs account; INCLE - International Narcotics Control and Law Enforcement account.

<sup>21</sup> Os valores estão expressos em milhões de dólares. Aqueles do ano fiscal de 2018, evidentemente, foram requisitados pela Casa Branca, mas ainda não votados no Congresso.

O que a Tabela mostra são as requisições da Secretaria de Estado para cada ano fiscal. Em 2014, por exemplo, o valor ficou bem abaixo disso, devido ao congelamento requisitado pelo governo Obama. No entanto, no ano seguinte, a situação se normalizou, sobe a justificativa de que os interesses de segurança americanos na região poderiam ser prejudicados pelos cortes. Em 2017, Trump resolveu tomar a mesma medida, de redução do financiamento, a despeito do descongelamento das relações que ele mesmo promoveu,<sup>22</sup> em represália ao que tudo indica à aproximação do Egito com a Coreia do Norte (Morelo, 2017; Tessaro, 2017).

Assim, pode-se dizer que tanto Trump quanto Obama infligiram revezes ao FMF egípcio em nome dos direitos humanos. No entanto, esta afirmação perde um pouco o brilho quando lembrado que este mesmo financiamento já foi retomado antes. E que, ao que tudo indica, ele continuará. De fato, desde os acordos de Camp Davies, raramente o Egito recebeu ajuda militar inferior a 1,3 bilhão ao ano.<sup>23</sup>

A estimativa da Usaid é que, em 2017, foram cedidos ao Egito pelo governo americano 7 milhões de dólares com os objetivos de construção de “democracy, good governance, human rights and political competition” (Sharp, 2018, p. 28), uma soma modesta, especialmente quando comparada com o mais de 1,4 bilhão concedidos para gasto militar no mesmo período. Este fato se torna ainda mais inquietante, quando se sabe que a situação dos direitos humanos se deteriorou muito depois do golpe de Estado de al-Sisi, o que é admitido pelo próprio Congresso Americano que, em seus próprios relatórios, afirma serem os aspectos mais preocupantes do atual governo egípcio:

[...] - the use of mass trials to prosecute political activists on criminal charges, without individual due process;

- the passage of an anti-protest law that infringes upon peaceful assembly;

- police brutality, the apparently deliberate use of torture by security forces, and reported enforced disappearances of political opponents;

- the use of criminal prosecutions, travel bans, and asset freezes against human rights defenders; and

---

<sup>22</sup> Além das declarações citadas acima, ele informou que vai retomar os exercícios do Bright Star e já realizou diversos encontros bilaterais EUA e Egito.

<sup>23</sup> De 1979 até hoje, apenas nos anos de 1980, 1981, 1982, 1985 e 2014 o Egito recebeu valores inferiores a isso. A tabulação completa está na Tabela A.2 do relatório do Congressional Research Service (Sharp, 2018).

- the passage of Law 70 of 2017 on Associations and Other Foundations, which institutes restrictions on Egyptian non-governmental organizations (NGOs) and makes violations subject to criminal prosecution.

According to the State Department, “the most significant human rights problems [in 2016] were excessive use of force by security forces, deficiencies in due process, and the suppression of civil liberties.” Extrajudicial killings by police forces are alleged to have increased in 2017 [Sharp, 2018, p. 11-12].

Então, a primeira resposta importante surgida neste trabalho é que a política externa americana tem atrapalhado mais do que ajudado no estabelecimento da boa governança no Egito. Além dos relatórios supramencionados, sendo a aprovação destes orçamentos resultado de intensos debates parlamentares, sempre há algum representante para lembrar que o seu país está armando um ditador que está matando o próprio povo.<sup>24</sup> Na seção a seguir, será examinada a questão de como os próprios árabes percebem a intervenção estrangeira.

### 3. Deuses e armas

Desde a queda dos Irmãos, a situação do povo egípcio piorou, em todos os aspectos. A inflação está desgovernada,<sup>25</sup> os direitos humanos desrespeitados de uma forma que supera até os piores anos de Mubarak e a adoção de políticas de cunho liberal não resolveram nenhum dos problemas econômicos do país, antes, agravaram-nos. Nas palavras de muitos analistas do mundo árabe, a ditadura de al-Sisi está realizando uma verdadeira guerra contra a sociedade civil. Seguem algumas observações de Khaled Diab (2017), um premiado jornalista e escritor egípcio:

Egypt is experiencing a continued and intensifying war of attrition against opposition figures, revolutionaries, grassroots activists and NGO workers - not to mention journalists and media professionals - in a bid to deprive civil society of its most vital resource: its dedicated and hard-working human resources. This has led to fears that Egypt's once-vibrant civil society is under “existential threat”.

“The state of civil society today is infinitely worse than during the early days of the revolution, or even during [Hosni] Mubarak's dark years”, asserts Khaled Fahmy, the prominent Egyptian historian who was not only an active

---

<sup>24</sup> “Egypt’s poor human rights record has sparked regular criticism from U.S. officials and some Members of Congress. During a 2017 Senate Appropriations Subcommittee on State, Foreign Operations and Related Programs hearing on U.S. assistance to Egypt, Subcommittee Chairman Senator Lindsey Graham remarked: ‘I really worry about a consolidation of power that is basically undemocratic’. During that same hearing, other witnesses were critical not only of Egypt’s human rights record, but of the totality of U.S.-Egyptian relationship” (Sharp, 2018, p. 19-20).

<sup>25</sup> Em uma entrevista recolhida pelo autor deste artigo, A., um jovem refugiado de 27 anos, ex-mecânico de automóveis, que participou ativamente da Primavera Árabe, quando indagado por que ele decidira abandonar o seu país natal, respondeu ser devido a inflação.

participant in the revolution of January 25, 2011 but also led efforts to document it for future generations.

O envolvimento dos países ocidentais (e a sua responsabilidade) perante a constituição de regimes autoritários na região não passam despercebidos por ninguém, e são motivo de críticas entre diversos intelectuais e ativistas por todo o Oriente Médio:

Human rights issues as well as the limitations on freedom of expression and assembly must not again be compromised in order to benefit Western countries' geopolitical interests. Friends must be honest with each other, and must not allow the basic values for which this friendship should stand to be compromised for political expediency (Kuttab, 2016).

Sendo o apoio a tais regimes considerado odioso em todos os lados do tabuleiro, uma vez que tal apoio é criticado tanto do lado americano quanto do árabe / muçulmano, a pergunta que se impõe então é por que tal apoio não cessa, e por que as ditaduras prosperam de forma tão duradoura na região (no Egito, por exemplo, as eleições que levaram Mohamed Morsi ao poder, em 2012, podem ser consideradas as primeiras eleições de verdade da história do país). Há uma antiga concepção, muito difundida no Ocidente, de que por particularidades próprias os povos árabes seriam incompatíveis com os valores democráticos caros aos ocidentais. Tais teorias encontraram sua expressão mais elaborada em Samuel Huntington, mas, em tempos recentes, com o recrudescimento da islamofobia, têm mais uma vez encontrado grande aceitação e difusão em mídias ocidentais. Para examinar a validade de tais argumentos, primeiro serão apresentados trechos significativos do *Choque das civilizações*:

A cultura islâmica explica em grande parte por que a democracia deixou de emergir na maior parte do mundo muçulmano (Huntington, 1997, p. 28).

Ditaduras militares serão substituídas por regimes fundamentalistas [no mundo muçulmano] (idem, p. 140).

O fato de que a democracia liberal, de forma geral, não conseguiu se firmar nas sociedades muçulmanas é um fenômeno contínuo e repetido durante todo um século a partir do final de 1800. Esse insucesso tem origem, pelo menos em parte, na natureza inóspita da cultura e da sociedade islâmica para concepções liberais ocidentais (idem, p. 141).

Esta obra de Huntington, que se originou a partir de um artigo com o mesmo nome, publicado em 1993 na *Foreign Affairs*, teve e ainda tem grande influência entre intelectuais e formuladores de política externa através do Ocidente. Suas ideias, no entanto, podem ser contestadas a partir do ponto de vista dos próprios árabes. Há uma autora particularmente interessante neste sentido, a socióloga e feminista marroquina Fatema Mernissi. Em uma de suas obras mais importantes, *Islam and democracy*, ela

aborda essa questão sob um outro ângulo. A citação que se segue é um pouco longa, mas ela é muito ilustrativa. Fatema Mernissi (2002) descreve aqui, com relatos muito vívidos retirados de pessoas comuns das ruas de Rabat (um eco da sua formação em sociologia), a onda de esperança que surgiu no mundo árabe quando da queda do muro de Berlim, e a enorme frustração, para não dizer, o sentimento de traição, que se seguiu, quando poucos meses depois as bombas começaram a cair em Bagdá, quando da primeira Guerra do Golfo:

“Eu tive que escolher entre atendê-la, o que me renderia 40 dirhans [5 dólares], ou assistir ao apocalipse. Você percebe que não há comparação? 40 dirhans ou o apocalipse. Quem escolheria os 40 dirhans? Eu sou analfabeto, senhora, mas eu consigo ver, assim como você, que é provavelmente uma pessoa coberta de diplomas, que a história chegou a um ponto de virada”.

A queda do muro de Berlim e a derrocada dos homens, instituições e símbolos do despotismo do Leste Europeu foram percebidos como tendo significado universal, apesar do fato de terem sido acontecimentos geograficamente e etnicamente localizados. É verdade que europeus, mais especificamente alemães, foram os únicos envolvidos como atores. Foram eles que nós vimos escalando o muro, regozijando-se com a queda do muro, quebrando-o em pedaços e vestindo esses pedaços como se fossem joias, relíquias de fronteiras demolidas e de *hijab*<sup>26</sup> rasgadas [...]. Os lojistas nas medinas do norte da África e os camponeses na Cordilheira do Atlas não tiveram dificuldade de se identificar com esses jovens loiros de ambos os sexos que estavam se abraçando, cantando e destruindo o muro, embriagados de liberdade e do desejo de acabar com o autoritarismo [...]. Excluídos do poder e levando uma vida mutilada por políticas arbitrárias e ineficientes que os esmagam, jovens árabes de ambos os sexos tornaram-se repentinamente interessados por esses povos do norte que gritavam pelas ruas pedindo liberdade e justiça. A única ideia que eles tinham da Alemanha era a de um país rico onde ninguém ligava para o destino dos pobres. E de repente eles os viram animados por um sentimento tão familiar, tão visceral, o desejo por liberdade e justiça que eles acreditavam ser uma preocupação exclusiva dos excluídos: “Alá, os alemães se sentem como nós. Eles amam os seus irmãos mais pobres e os estão libertando”, exclamou Ali, um sapateiro da medina de Rabat. [...]

Nos dias seguintes à queda do *hijad* de Berlim, logo antes do bombardeio de Bagdá, os europeus irromperam para as massas árabes como os promotores do credo democrático, que resolveria o problema da violência e reduziria o seu uso. E então a poderosa onda de esperança universal levantada pela canção europeia de liberdade e a promessa de condenação da violência foram brutalmente frustradas por essa guerra. Foi uma guerra que as perplexas massas árabes testemunharam dentro de poucos meses, como algum tipo de desfecho ruim em um conto das Mil e uma Noites, o adormecimento daqueles jovens europeus humanistas que vinham cantando a não violência. O que eles viram nas telas das suas televisões foi o reaparecimento de uma outra espécie, da qual eles haviam esquecido: os velhos generais com boinas e medalhas, exatamente como aqueles dos exércitos coloniais, generais enumerando com orgulho a quantidade de toneladas de bombas que eles lançaram sobre Bagdá (Mernissi, 2002, p. 36-38).

---

<sup>26</sup> *Hijad*, “véu” em árabe. A autora recorre à palavra várias vezes extraindo dela toda sorte de metáforas.

Voltando ao Egito propriamente, e buscando ainda compreender por que a revolução deu errado, escolho as palavras de um analista de política externa de origem egípcia, Mohamad Elmasry (2017):

Mas as instituições estatais egípcias mais arraigadas – os militares, a polícia, o judiciário e a mídia – nunca embarcaram nos protestos de 2011. Cada uma dessas instituições trabalhou para tirar a transição democrática dos trilhos, ajudadas, naquele momento, pelo desastrado governo de transição da Irmandade Muçulmana, o grupo que ganhou as eleições egípcias de 2011-2012, e por uma oposição liberal indiscutivelmente antidemocrática.

Entre intelectuais e analistas árabes, não parece se encontrar sustentação para a teoria do choque das civilizações. A Primavera Árabe foi mais um levante de povos esgotados por décadas de governos autoritários, sejam estes de origem militar, porém laica e republicana, ou de monarquias fundamentadas na religião – como será visto adiante, a depender do ponto de vista, há muito pouca diferença entre uns e outros. Ao que tudo indica, o suporte determinado do mundo ocidental, em especial pela via do financiamento militar, sustenta regimes opressores dos quais os seus cidadãos ou súditos estão cansados.<sup>27</sup>

A questão central é compreender então por que um financiamento de tal montante não cessa, uma vez que ele dá sustentação a regimes considerados odiosos tanto pela sociedade internacional quanto pelas populações diretamente atingidas.<sup>28</sup> Um exame breve da edição de 2013 do *Greenbook* (a mais completa localizada pelo autor deste artigo) pode ser bem esclarecedora a este respeito. Na página 1 deste relatório, encontra-se uma tabela *U.S. overseas loans and grants – summary all countries*, onde são apresentadas as totalidades dos empréstimos militares para países estrangeiros no período que vai de 1962 a 2013. De 1962 até 2009 (período em que os dados são apresentados um bloco), tais empréstimos ultrapassaram 244 bilhões de dólares. Para os anos fiscais seguintes, temos: 2010, mais de 14 bilhões; 2011, mais de 18 bilhões; 2012, mais de 17 bilhões; 2013, mais de 8 bilhões. O relatório não especifica que tipo de financiamento

---

<sup>27</sup> A., o refugiado que cedeu importantes informações para a realização deste trabalho, concorda plenamente com tais afirmações. No entanto, ele levanta um dado novo acerca do Egito. A maior fronteira do seu país natal dá-se com a Líbia, e dista ainda o país de poucos quilômetros da Síria. Segundo A., o medo de uma guerra civil, ou de uma infiltração maior do Estado Islâmico tem levado, neste momento específico, os egípcios a serem mais “tolerantes” com os abusos de Al-Sisi.

<sup>28</sup> O inglês *The Guardian* recentemente, por exemplo, criticou com veemência o governo do próprio país, apenas por receber Ibn Salman, príncipe herdeiro da Arábia Saudita, uma vez que o bloqueio promovido por ele contra o Iêmen está matando a população do mais pobre dos países árabes não apenas de fome, mas também pela reincidência de surtos de doenças evitáveis, como cólera e difteria. Se uma simples visita diplomática merece críticas tão enfáticas, que dirá de um financiamento militar tão extensivo (Thornberry, 2018).

militar foi esse, mas a partir de Sharp, sabe-se que, nos dias de hoje, a maior parte dele se dá pelo mecanismo do FMF.

É hora de examinar melhor como funciona este fundo. O FMF é um crédito para compras de armamentos por países estrangeiros, solicitado pelo Departamento de Estado para determinado ano fiscal, e que deve ser aprovado pelo Congresso. Em caso de aprovação,<sup>29</sup> o governo contemplado pode utilizar imediatamente o dinheiro, ou não. Em caso de não uso, o crédito vai para a agência de Nova Iorque do FED, onde fica rendendo juros, até ser solicitado. Os fundos não saem dos EUA e as compras são condicionadas a serem feitas na indústria americana de armamentos (Sharp, 2018). É de se concluir que tais financiamentos são altamente benéficos para a indústria militar e para a economia americanas. Mesmo sem uma especificação dos tipos de financiamentos anteriores a 2010, é razoável concluir que eram os mesmos, ou segundo mecanismos semelhantes. Os dois maiores fabricantes de armamentos do mundo são Rússia e Estados Unidos, que juntos respondem por 58% do total de exportações de armas pesadas (Caleiro, 2016). Não parece muito provável que algum financiamento concedido pelo governo americano seja livre de condicionalidades, e que o receptor possa ir e gastar nos rivais e concorrentes russos, por exemplo.

## **Conclusão**

Para analisar a questão da promoção da governança do Egito, é preciso ressaltar que, além da assistência militar, os EUA também destinam, via U.S. Agency for International Development (USAID), fundos para a saúde pública, a educação, o desenvolvimento econômico e a promoção da democracia e, mais especificamente, da governança, via um mecanismo diferente do FMF, o Economic Support Found (ESF). No entanto, os valores destinados a estas rubricas são muito inferiores aos destinados às armas, e vêm decrescendo consistentemente desde o governo Clinton (uma queda de 90% entre 1998 e 2018, ver: Sharp, 2018, p. 26-27).

Também foi visto que os árabes têm uma percepção bastante diferente daquela tão difundida pelo ocidente sobre a incompatibilidade do islã com valores democráticos.

---

<sup>29</sup> Não foi encontrada por esta pesquisa nenhum caso de não aprovação por parte do Congresso, embora a solicitação de financiamentos de tal ordem para governos muitas vezes claramente autoritários suscite sempre oposição e debates (Sharp, 2018).

Gostaria de terminar este artigo com um texto de Hamid Dabashi, professor de estudo iranianos da Universidade de Colúmbia:

What this kind of outdated Orientalism betrays is the simple proposition that the more the world looks like a fictional Europe, the more it is "secular" and "moderate", the more they are to be trusted and welcomed. Left to their own non-western devices, these Muslims become nasty, brutish, and fanatical. If they cannot become secular and moderate Muslims by themselves, then (damn it, why not) let a tyrant do it for them.

Entirely outside the purview of such banal Eurocentric imagination, the fate of nations in the Arab and Muslim world is determined by the internal logic and rhetoric of an entirely different dynamic.

The beautiful struggles of Arabs and Muslims for justice and civil liberties can no longer be divided into the bogus, flawed, and outdated "secular" versus "religious" division or "moderate" versus "radical" Islam. These are US and European think tank mantras categorically irrelevant to the inner working of Muslim moral and historical imagination [...]

Ours is as much an age of post-Islamism, in the elegant phrasing of Asef Bayat, as it is of post-secularism, as Jurgen Habermas has theorised. The binary of secular/religious was of a European (Christian) vintage and had nothing to do with Islam, Judaism, or any other religion. "Secularism," as Gil Anidjar has persuasively argued, was and remains Western Christianity thinly disguised.

Como vemos, há aí uma crítica profunda à incompreensão secular entre ocidentais e árabes. São povos criativos, com uma cultura elaborada e uma longa tradição e que, deixado em paz, encontrarão seus próprios caminhos e suas próprias respostas para os dilemas que vivem. Porém, principalmente, que precisam, e reivindicam, mudanças urgentes. É claro que há diversos fatores envolvidos no apoio decisivo dos EUA aos regimes da região como um todo, e ao Egito em particular, mas os principais, levantados por este trabalho, são a indústria de armamentos e a geopolítica em torno à segurança do Estado de Israel.

Quanto ao primeiro deles, o mecanismo de fundos do FMF, com seus capitais que nem sequer saem dos EUA, circulando entre o governo, o sistema financeiro doméstico e a indústria, são um claro elemento de incentivo para manutenção de ditaduras.<sup>30</sup> Quanto ao segundo, as considerações de ordem estratégica regional tornam a manutenção de

---

<sup>30</sup> Por questões de espaço e das dificuldades levantadas pela baixa transparência dessa questão, este trabalho não falará da questão do lobby no congresso americano. Apenas muito limitadamente, vale mencionar uma matéria do Washington Examiner, uma publicação aliás bastante elitista e conservadora, que listou a Boeing, a maior fabricante de aeronaves de combate do mundo, entre as dez empresas que mais gastam com lobby (Boehm, 2014). E quanto ao poderoso lobby dos grupos ligados a Israel, ver Tierney, 2004, p. 93.

regimes comprometidos com a paz com Israel uma prioridade, mesmo que isso implique na sustentação de regimes bem pouco afeitos ao respeito pelos direitos humanos.

O Egito é, sob qualquer aspecto em que o país for analisado, uma ditadura militar há décadas. Para além do já ressaltado anteriormente, M., o refugiado entrevistado, declarou que um dos seus anseios seria um país em que ele tivesse igualdade de oportunidades em relação aos membros do exército, uma vez que os melhores empregos e oportunidades ficam reservados ao pessoal militar. É essa comunhão de interesses, entre uma ditadura há muito bem estabelecida e os fatores externos apontados, o que garante a perenidade do autoritarismo na região, em detrimento dos melhores interesses da população.

## **Bibliografia**

Arrested, banned, exiled: Egypt's dissenting voices. *Al-Jazeera*, The listening post. Disponível em: <[www.aljazeera.com/programmes/listeningpost/2018/02/arrested-banned-exiled-egypt-dissenting-voices-180224074458275.html](http://www.aljazeera.com/programmes/listeningpost/2018/02/arrested-banned-exiled-egypt-dissenting-voices-180224074458275.html)>. Acesso em: 06/03/2018.

Boehm, Eric. Defense contractors spent millions lobbying Congress, get billions in new budget. *The Washington Examiner*, Washington, 23 de jan. de 2014. Disponível em: <[www.washingtonexaminer.com/defense-contractors-spent-millions-lobbying-congress-get-billions-in-new-budget](http://www.washingtonexaminer.com/defense-contractors-spent-millions-lobbying-congress-get-billions-in-new-budget)>.

Bonnefoy, Laurent. Les Frères Musulmans, pionniers de l'islamisme. *L'histoire du proche-orient – 10.000 ans de civilisation*. Paris: Le Monde – Hors-Série, 2018.

Burchill, Scott et al. *Theories of international relations*. Palgrave Macmillan, 2005.

Caleiro, João Pedro. Os 10 países que mais exportam armas de guerra (e para quem). *Exame*, São Paulo, 13 de set. 2016. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/os-10-paises-que-mais-exportam-armas-de-guerra-e-para-quem/>>.

Carranca, Adriana. Egito é o segundo país que mais recebe ajuda dos EUA, atrás apenas de Israel. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 1 de fev. de 2011. Internacional. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/blogs/adriana-carranca/quanto-somam-e-quem-decide-como-gastar-os-dolares-que-os-eua-doam-para-o-egito/>>.

Cox, Robert. Social forces, states and world orders. Beyond international relations theory. *Milennium – jornal of international studies*, vol. 10, n. 2, p. 126-155, 1981. Disponível em: <[www.uni-erfurt.de/fileadmin/public-docs/Internationale\\_Beziehungen/cox.pdf](http://www.uni-erfurt.de/fileadmin/public-docs/Internationale_Beziehungen/cox.pdf)>.

Demant, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.

Diab, Khaled. Egypt: The war of attrition against revolutionaries. *Al-Jazeera*, Opinion, 25 de jan. 2017.

Dot-Pouillard. La garde panarabe de Bachar Al-Assad. *Le monde diplomatique*, Paris, n. 766, p. 4-5, jan. de 2018.

Elmasry, Mohamad. Another Arab Spring is coming to Egypt. *Al-Jazeera*, opinion, 24 jan. 2016. Disponível em: <[www.aljazeera.com/indepth/opinion/2016/01/arab-spring-coming-egypt-160124051544977.html](http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2016/01/arab-spring-coming-egypt-160124051544977.html)>.

Elmasry, Mohamad. Disappearing in Egypt: From Giulio to Zubaida. *Al-Jazeera*, Opinion, 5 de mar. 2018. Disponível em: <[www.aljazeera.com/indepth/opinion/disappearing-egypt-giulio-zubaida-180305134303447.html](http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/disappearing-egypt-giulio-zubaida-180305134303447.html)>. Acesso em: 06/03/2016.

Garcia, Raphael Tsavkko. Is Brazil no longer safe for refugees and immigrants? *Al Jazeera*, Opinion, 16 de ago. 2017. Disponível em: <[www.aljazeera.com/indepth/opinion/2017/08/brazil-longer-safe-refugees-immigrants-170809113330259.html](http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2017/08/brazil-longer-safe-refugees-immigrants-170809113330259.html)>.

Hobsbawm, Eric. *The age of revolution*. New York: Vintage Books, 1996.

Hobsbawm, Eric. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

Hobsbawm, Eric. *Era dos impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

Hourani, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

Huntington, Samuel. *O Choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

International Amnesty. *The state of the world's human rights report: Egypt* 2017/2018. 22 feb. 2018. Disponível em: <[www.amnesty.org/en/countries/middle-east-and-north-africa/egypt/report-egypt/](http://www.amnesty.org/en/countries/middle-east-and-north-africa/egypt/report-egypt/)>. Acesso em: 06/03/2018.

Keylor, William R. *The twentieth-century world and beyond*. New York: Oxford University Press, 2006.

Kuttab, Daoud. More freedom of expression. For de Middle East. *Al-Jazeera*, 16 de mar. 2016. Disponível em: <[www.aljazeera.com/indepth/opinion/2016/03/freedom-expression-middle-east-160315080958029.html](http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2016/03/freedom-expression-middle-east-160315080958029.html)>.

Mernissi, Fatema. *Islam and democracy*. Fear of the modern world. New York: Basic Books, 2002.

Morello, Carol. Jared Kushner meets with Egyptian officials to discuss Middle East peace process. *Washington Post*, Washington, 23 de ago. 2017. Disponível em: <[www.washingtonpost.com/world/national-security/us-holds-up-military-aid-to-egypt-over-human-rights-concerns/2017/08/22/5805ff28-11cf-437c-8ede-5033e7b03ade\\_story.html?utm\\_term=.9624b288fde1](http://www.washingtonpost.com/world/national-security/us-holds-up-military-aid-to-egypt-over-human-rights-concerns/2017/08/22/5805ff28-11cf-437c-8ede-5033e7b03ade_story.html?utm_term=.9624b288fde1)>.

Plumer, Brad. The U.S. gives Egypt \$1.5 bilion a year in aid. Here's what it does. *The Washington Post*, Washington, 9 de jul. 2013. Disponível em: <[www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2013/07/09/the-u-s-gives-egypt-1-5-billion-a-year-in-aid-heres-what-it-does/?utm\\_term=.dda07aa9b6ed](http://www.washingtonpost.com/news/wonk/wp/2013/07/09/the-u-s-gives-egypt-1-5-billion-a-year-in-aid-heres-what-it-does/?utm_term=.dda07aa9b6ed)>.

Obama, Barack. Remarks by the President on the Middle East and North Africa. 19 de maio de 2011. Disponível em: <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2011/05/19/remarks-president-middle-east-and-north-africa>>.

Royce, Edward. Chairman Royce and Ranking Member Engel Release Joint Statement on Ongoing Events in Egypt. Press Release, cinco de julho de 2013. Disponível em: <<https://foreignaffairs.house.gov/press-release/chairman-royce-and-ranking-member-engel-release-joint-statement-on-ongoing-events-in-egypt/>>.

Sharp, Jeremy M. *Egypt: Background and U.S. Relations*. Congressional Research Service, 8 de fev. 2018. Disponível em: <<https://fas.org/sgp/crs/mideast/RL33003.pdf>>.

Smouts, Marie-Claude. The proper use of governance in international relations. *International social science journal*. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/1468-2451.00111>>.

Solé, Robert. L'Égypte entre en lutte pour sa souveraineté. *L'histoire du proche-orient – 10.000 ans de civilisation*. Paris: Le Monde – Hors-Série, 2018.

Tessaro, Jessika. EUA congelam os históricos repasses militares ao Egito. *Cieri Newspaper*, 28 de ago. 2017. Disponível em: <<https://jornal.ceiri.com.br/eua-congelam-os-historicos-repasses-militares-ao-egito/>>. Acesso em: 06/03/2018.

Thornberry, Emily. Britain's red carpet for the Saudi ruler is shameless. *The Guardian*, Londres, 7 de mar. De 2018. Disponível em: <[www.theguardian.com/commentisfree/2018/mar/07/saudi-arabia-arms-sales-yemen](http://www.theguardian.com/commentisfree/2018/mar/07/saudi-arabia-arms-sales-yemen)>.

Tierney, John T. Interest group involvement in congressional foreign and defense policy. In: *Congress Resurgent*. Michigan: University of Michigan press, 2004.